

O PRAZER COMO ALÍVIO DO SOFRIMENTO: A VIA DA DROGA OU A SAÍDA PELA RAZÃO?

**Carlos Eduardo Firmino¹
Isabela Saraiva de Queiroz²**

RESUMO

O uso da maconha é frequentemente visto como um recurso que proporciona ao indivíduo um modo de obtenção de prazer. Prazer este que também pode ser compreendido como algo que propicia ao sujeito certo alívio no lidar com as mazelas da existência e dos conflitos que a constituem. Nesta perspectiva, a maconha seria a partir de uma leitura freudiana, um veículo que produz certo refúgio, tornando-se um paliativo, prestador de um bom serviço no que diz respeito à procura da felicidade. A proposta deste ensaio é discutir tal serviço prestado, refletindo sobre a sua validade e eficácia. Ao final, o uso da razão, do exercício da reflexão, será apontado como uma alternativa à via da intoxicação na difícil busca de um viver melhor.

Palavras-chave: Maconha, prazer, sofrimento, razão, felicidade.

THE PLEASURE AS RELIEF OF SUFFERING: THE WAY OF DRUGS OR THE OUTPUT BY THE REASON?

ABSTRACT

Marijuana's use often seen as a resource that provides the individual a way of obtaining pleasure. This pleasure can also be understood as something that gives the subject some relief in dealing with the ills of existence and conflicts that constitute it. Accordingly, the marijuana would be from a Freudian reading a vehicle that produces a certain refuge, becoming a palliative, providing a good service with regard to the pursuit of happiness. The purpose of this essay is to discuss this service, reflecting on their validity and effectiveness. Finally, the use of reason, the exercise of reflection, will be appointed as an alternative, a possibility in the difficult search for a better life.

Keywords: Marijuana, pleasure, suffering, reason, happiness.

¹ Graduando em Psicologia, PUCMG/ Unidade São Gabriel. Bolsista de Iniciação Científica, FIP/PUC Minas (2009). Estagiário da Equipe de Apoio Matricial do Serviço de Saúde Mental de Santa Luzia/MG.

² Psicóloga e Mestre em Psicologia Social/UFMG - Especialista em Saúde Mental/NEWTON PAIVA e professora Assistente III do curso de Psicologia/PUC-MG

Introdução

“Falo; ninguém acredita.
Essa é boa: se a falta dói, a abundância enjoa.”
(Daniel Zoto)

Parece ser lugar comum comentários de usuários de maconha – e até mesmo daqueles que não a utilizam – nos quais são estabelecidas relações entre o consumo da droga e a obtenção de prazer. Coutinho, Araújo e Gontíes (2004) comentam que as substâncias psicoativas foram e são consumidas em diversas culturas com finalidades terapêuticas, religiosas e, devido ao caráter hedonista presente na história da humanidade, como modo de obtenção de prazer.

A questão que surge é que tal prazer pode ser entendido, possivelmente na maioria das vezes, como alívio de uma situação que incomoda, encurrala o sujeito. Há um discurso disseminado no tecido social que coloca o consumo da maconha em um lugar estratégico, lugar de recurso que auxilia o sujeito no lidar com as questões da existência. Nesta perspectiva, as exigências do dito “famigerado” mundo capitalista podem ser vistas como elementos que estimulam o ato de consumir tal substância. Se na atualidade há a mercadorização das relações sociais (Pacheco Filho, 2007) num eterno devorar de objetos de consumo, um modelo individualista e competitivo soma-se à crescente produção de substâncias psicoativas, fortalecendo nossa tendência de resolução de nossos problemas pela via química (Acselrad, 2000). Talvez possamos afirmar, juntamente com Kehl (2005), que a droga revela um sintoma, denuncia problemas sociais de nossa atualidade.

Deixando de lado os aspectos químicos e neurobiológicos dos efeitos das substâncias psicoativas no organismo – efeitos estes que não são objeto da presente discussão –, é possível pensar nos fatores que orientam a escolha feita pelo indivíduo ao lançar mão do recurso à intoxicação. Assim, poderíamos pensar inicialmente que a droga cria uma espécie de muro, que barra – momentaneamente – aquilo que é insuportável para o sujeito. Seguindo esta linha de raciocínio, o consumo de maconha, droga vista pela maioria como “relaxante”, parece ser uma boa opção para o enfrentamento do que é considerado insuportável. Numa sociedade que não nos ensina a lidar com nossas dificuldades, a *cannabis* pode possibilitar uma tranquilidade momentânea, uma espécie de calma na alma. Freud já comentara em “*O mal-estar na civilização*” (1930/1996a) acerca do efeito apaziguador das substâncias tóxicas:

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações” é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. (Freud, 1930/1996a, p.86).

Na visão freudiana, a droga “tanto aumenta o prazer quanto diminui a sensibilidade ao desprazer” (Pacheco Filho, 2007, p.3) mas, arrisquemos a dizer aqui que, na prática, seu consumo assume um caráter bastante contraditório. Um usuário, participante de um grupo de reflexão a respeito do uso de drogas³, comentou sobre o efeito relaxante da maconha e, ao ser convidado a refletir sobre a relação que ele havia estabelecido com a mesma, relata: “se eu não 'ter' ela, fico muito triste. Viciou minha mente. Não consigo pensar, trabalhar.” Outro participante do mesmo grupo chegou a afirmar que só conseguia encarar o cotidiano de seu trabalho – no qual se sentia discriminado – caso pudesse “fumar um baseado” antes de sair de casa. Dessa forma, se sentia calmo e suportava as reclamações tanto do chefe quanto dos clientes aos quais atendia.

Ambas as situações são curiosas, pois o “amortecedor de preocupações”, citando Freud, deixou de ser um paliativo, um mecanismo relaxante e ansiolítico, e se diluiu no cotidiano dos indivíduos, alterando humor, capacidade laborativa e, até mesmo, o raciocínio. A impressão que se tem é que as vivências destes sujeitos estão estreitamente ligadas ao uso da maconha. Quando ela não está presente, eles não se bastam. Sem a maconha, estes sujeitos parecem incapazes de agir. Assemelham-se a um automóvel sem combustível. O ponto chave desta discussão diz respeito ao fato de que, nestes exemplos, a ausência da droga implicaria o retorno à realidade, impondo o contato com as dificuldades do cotidiano, fato que, conseqüentemente, provoca uma nova demanda por prazer. Este é um bom momento para aprofundarmos um pouco sobre a questão do prazer e do sofrimento.

A Dimensão do Prazer

Philippe van den Bosch, no livro “*A filosofia e a felicidade*” (1999), retoma a passagem de *Fédon*, na qual Platão relata o último dia de vida de Sócrates. Segundo Platão, momentos antes de discutir com seus discípulos questões relacionadas à imortalidade da alma, Sócrates é libertado das correntes que o prendiam. Ao se ver livre das correntes, o filósofo esfrega os tornozelos com “grande prazer”. Platão, comenta van den Bosch, quer sugerir que “Sócrates sente um prazer intenso de ser libertado de suas correntes. O prazer aqui tem como causa a libertação, o alívio do sofrimento”. (van den Bosch, 1999, p.71). Este autor questiona se tal idéia pode ser generalizada, de forma que reconheçamos que todo o prazer se origina de um sofrimento. Se levarmos em consideração o pensamento budista discutido por van den Bosch que, partindo da noção de homem enquanto ser sempre desejante, afirma que toda a vida é sofrimento – nossa busca pelo prazer, independente da forma escolhida, não passará de um mero recurso paliativo. Constatação curiosa, mas pertinente:

Se o prazer provém apenas da supressão de um sofrimento anterior, daí resulta que ele não passa de um ser de transição, um diferencial de dor, uma simples passagem de um estado de sofrimento para um estado de menor ou de nenhum sofrimento. É por isso que contrariamente à impressão que temos dele, o prazer

³ As “Oficinas de Reflexão” das quais os relatos foram retirados aconteciam em Belo Horizonte - MG, na sede de uma Comunidade Terapêutica.

não é um ser positivo, auto-suficiente. De fato, não se pode acumulá-lo mecanicamente. É por isso também que, sendo apenas um ser de transição, é transitório, efêmero, evanescente: o prazer, infelizmente não perdura. (van den Bosch, 1999, p.72).

Seguindo a perspectiva acima, parece fato que um estado de ausência de sofrimento é impossível. É preciso encontrar algum “remédio”, algo que amenize o sofrer. “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la não podemos dispensar as medidas paliativas.” (Freud, 1930/1996a, p.83). Assim, apesar dos reveses e dos malefícios que pode provocar, a maconha ainda é uma via pertinente para lidar com as dificuldades da existência. Não façamos juízos de valor que nos impregnem de um discurso moralista. Não se pode descartar a função de bálsamo que a droga contém. Mas, será que esta é a única saída?

Uma Outra Via: A Razão Como Alívio do Sofrimento e Recurso Possível na Busca Pela Felicidade

“Cada toxicômano se vicia de maneira singular”, comenta Kehl (2005). Mas, como já citado no decorrer deste trabalho, a droga é um sintoma que denuncia nossa própria condição humana, condição de desamparo e, em última instância, de solidão. Haver-se com nossas questões, dito comum no meio *psi*, é necessário, porém difícil. A impressão que se tem é que quanto mais nos permitimos o processo de reflexão, mais humanos e mais suscetíveis ao sofrimento nos tornamos. Triste constatação? Nem tanto. É isto que nos diferencia dos outros animais e revela a própria essência do homem, segundo Aristóteles (van den Bosch, 1999). Só nos realizamos realmente, para o autor grego, quando, tendo a razão por instrumento, atingimos a verdadeira natureza do homem: a atividade de conhecer. “O conhecimento é fonte de verdadeiro prazer”. (van den Bosch, 1999). A partir da atividade do conhecer, do questionamento perante a sua existência, talvez o homem encontre a prudência que, em Aristóteles, “nos permite deliberar corretamente, mostrando-nos o mais conveniente em cada momento para nossa vida (não o mais conveniente a curto prazo, mas o mais conveniente para uma vida boa em sua totalidade)”. (Cortina & Martinez Navarro, 2005, p.59).

A partir desta concepção, a razão surge como uma alternativa à droga. Ela é um outro recurso para suportar os árduos caminhos do existir. É um recurso que rejeita a ignorância ao buscar a compreensão. Não se pode afirmar que ela seja uma via menos ou mais sofrida. E a escolha por uma ou outra via é uma questão deveras singular. Será cada indivíduo quem saberá dizer “onde seu sapato o aperta”.

Cabe, em defesa do caminho da reflexão, retomar uma bela passagem de Epicuro, na qual se ressalta a relação entre prazer e razão na busca de uma vida bem sucedida, de uma alma sem perturbação:

Assim, quando dizemos que o prazer é um bem, não aludimos, de modo algum, aos prazeres dissolutos, que consistem em torpezas, como crêem alguns que ignoram nosso ensinamento ou o interpretam mal. Aludimos, sim, à ausência de dor (“*aponía*”) e à ausência de perturbação na alma (“*ataraxia*”). Nem libações e festas ininterruptas, nem gozar com crianças e mulheres, nem comer peixes e tudo

o mais que uma mesa rica pode oferecer são fontes de vida feliz, mas, sim, o sóbrio raciocinar, que escruta, a fundo, as causas de todo ato de escolha e de recusa repulando as falsas opiniões por meio das quais grande perturbação se apossa da alma.” (Epicuro, citado por Feracine, s/d,p.106)

Lembremos que Epicuro, como afirmam Cortina e Martinez Navarro (2005) se distancia de um hedonismo ingênuo. Em Epicuro, sábio – e conseqüentemente feliz – é aquele que consegue “levar a sua vida calculando a intensidade e a duração dos prazeres, desfrutando dos que têm menos conseqüências dolorosas e dividindo-os com moderação ao longo da existência”. (Cortina& Martinez Navarro, 2005, p.61). É o entendimento reflexivo, isto é, a razão, quem permite tal discernimento.

Poderíamos questionar se o homem realmente pode se tornar um ser guiado somente pela razão. Provavelmente, a resposta será negativa. No entanto, nem por isso devemos ser escravos de nossos instintos e desejos:

Podemos insistir tão frequentemente quanto quisermos em que o intelecto do homem não tem poder, em comparação com sua vida instintual, e podemos estar certos quanto a isso. Não obstante, há algo de peculiar nessa fraqueza. A voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência. Finalmente, após uma incontável sucessão de reveses, obtém êxito. (Freud, 1927/1996b, p.61)

Misrahi (1999), sob influência de Spinoza, dá um passo à frente do pai da psicanálise e afirma:

O ser humano não é pura racionalidade, nem puro instinto ou pulsão: é desejo. Não *inconsciente*, mas desejo consciente (embora obscuro) capaz de tornar-se desejo refletido. [...] O homem é a um só tempo desejo e consciência de si (capaz de tornar-se desejo refletido tendo o conhecimento de si) que ele pode se dirigir rumo a um gozo que seja satisfatório e que transcenda as condições atuais de sua vida. (Misrahi, 1999, p. 45)

Lidar com os nossos desejos, nossas ambições e ideais é um trabalho que exige um esforço tamanho. No meio de toda esta confusão, será possível viver sem drogas e basear nossa existência na reflexão e no compromisso com o saber de si mesmo? Por outro lado, será possível ser feliz e encontrar sentido para a vida? Para tais questões, arrisquemos a dizer que talvez, “o caminho para a felicidade” corra “paralelo ao sentido da vida que, às vezes, parece não ter sentido algum. Só vivendo é que saberemos o que poderá nos fazer felizes”. (Firmino, 2008, p.12).

Considerações Finais

“O máximo de felicidade no máximo de lucidez”
André Comte-Sponville

A partir da discussão realizada podemos depreender que a busca da felicidade, concebida como oposição ao sofrimento, pode encontrar no amortecimento provocado

pelas intoxicações uma via de desligamento das coisas do mundo que, se por um lado traz um alívio momentâneo, por outro aprofunda o abismo entre a alienação subjetiva e a realidade. O desejo de saber, ao contrário, pensado como a implicação pessoal com a verdade, se não traz alívio e relaxamento, acena para o encontro com a felicidade possível que emerge do contínuo exercício reflexivo e ativo, em busca de um bem viver que implica em movimentos de ligação a projetos, idéias e pessoas.

Referências Bibliográficas:

- Acselrad, G.(2000). A educação para a autonomia: a construção de um discurso democrático sobre o uso de drogas. In: Acselrad, G.(org.). *Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Bosch, P. van den. (1998). *A filosofia e a felicidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Comte-Sponville, André. (2005). *A felicidade, desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cortina, A.; Navarro Martinez, E. (2005). *Ética*. São Paulo: Loyola.
- Coutinho, M.da. P.L.; Araújo, L.F.de; Gontíes, B. Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. *Psicologia em Estudo*. [on-line], 9 (3), 469-477 [citado em 11 de setembro de 2009],. Disponível na World Wide Web: : <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a14.pdf>> ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722004000300015.
- Feracine, L.(s/d). O epicurismo. In: Sêneca. *A vida feliz*. São Paulo: Escala.
- Firmino, C.E. (2008). *A felicidade é possível*. Estado de Minas. Belo Horizonte, 08 de abr. Caderno D+, p.12.
- Freud, S.(1930/1996a). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Rio de Janeiro: Imago, 1996a, v.21, p.65-148.
- Freud, S.(1927/1996b). O futuro de uma ilusão. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.21, p.12-64.
- Kehl, M. R.(2005). *Drogas. Café Filosófico*. São Paulo: Cultura Marcas. 1 vídeo-disco (55 minutos): NTSC: son, color.
- Misrahi, R.(1999). A felicidade é nosso único objetivo? In: LE NOUVEL OBSERVATEUR. *Café Philo: as grandes indagações da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Pacheco Filho, R. A.(2007). Toxicomania: um modo fracassado de lidar com a falta estrutural do sujeito e com as contradições da sociedade. *Mental. [on-line]*,5 (9), 29-45 [citado em 11 de setembro de 2009].Disponível na World Wide Web :< http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000200_003&lng=pt&nrm=iso > ISSN 1679-4427

Endereço Para Correspondência:

Carlos Eduardo Firmino
Rua 12 de Outubro, 283,
Bairro Esplanada,
Santa Luzia-MG.
CEP: 33015-120.
E-mail: firmosq@gmail.com

Recebido em 27/10/2009.
Aceito para publicação em 30/04/2010.